

## **Calvinistas Também Pensam: Uma Introdução à Filosofia Reformada**

*Ricardo Quadros Gouvêa*

O que acontece quando um cristão reformado reflete nas implicações filosóficas, científicas e práticas da sua fé? Uma revolução do pensamento teórico com drásticas conseqüências práticas! Nada pode ser mais salutar à igreja do que ser confrontada com os resultados da fé bíblica conforme expostos pela filosofia reformada. Minha expectativa é que isto se torne também a convicção dos leitores ao completarem a leitura deste artigo.

### **Pensamento antitético: marca da filosofia reformada**

"Nos últimos dias sobrevirão tempos difíceis". Os homens, inimigos de Deus, "jamais podem chegar ao conhecimento da verdade" (2 Tm 3.1-7). Paulo não poderia imaginar a sutileza de raciocínios em que tal inimizade se revelaria. O discurso no Areópago (At 17.22-31), tão necessário hoje quanto no dia em que foi proferido, é mais desprezado que nunca pelos cultos doutores que, em rebeldia contra seu Criador (Rm 1.18-21), repetem o motejar dos atenienses: "Sobre isso, Paulo, nós te ouviremos numa outra ocasião" (At 17.32). A filosofia não-cristã sofre de um racionalismo ingênuo desde suas origens helênicas, e a intelectualidade moderna abraçou definitivamente a utopia do ideal científico e o mito da objetividade empírica, a falácia autofágica dos pressupostos humanistas, como a autonomia do pensamento, que implica na rejeição de toda autoridade e na absolutização do juízo crítico.(1) Hoje temos assistido à consumação inevitável de tais compromissos anti-cristãos. O homem se mostra confiante na sua racionalidade a qual supõe potencialmente onisciente, adorando-se como criador e provedor, arquiteto e intérprete do universo, centro de toda a realidade, e o sentido do mundo e da existência. Ele ouve a voz que lhe sussurra: "Certamente não morrerás; pelo contrário, tu serás como o próprio Deus!" (Gn 3.4-5).

### Possibilidade e necessidade de uma filosofia reformada

Etienne Gilson considerou uma filosofia calvinista impossível.(2) O ponto-de-vista reformado de que o homem é totalmente corrupto,(3) e que não pode, portanto, chegar à verdade, exceto tendo por base a revelação divina, impediria a ereção de uma filosofia cristã. Os calvinistas assumem a revelação de Deus como absolutamente determinativa, e rejeitam a idéia de uma teologia natural. Assim, sugere Gilson, é impossível fazer filosofia, e resta espaço apenas para a teologia.(4) Todavia, a noção reformada da revelação não só dá amplo espaço para o pensamento filosófico, como também é o único solo adequado para o florescimento de uma verdadeira filosofia cristã,(5) uma filosofia que pode ser genuinamente objetiva, como as filosofias imanentistas jamais podem ser.(6)

Precisamos de uma filosofia porque o pensamento teórico não é possível sem a estrutura filosófica que o sustenta. Não é possível fazer teologia, nem ciência, sem um fundamento filosófico.(7) Mas a deficiência das antigas filosofias cristãs, nas quais as teologias cristãs vem se baseando por séculos, tornou-se patente. O pensador reformado não pode mais agüentar os pressupostos platônicos, aristotélicos, tomistas, cartesianos, kantianos, ou de

qualquer outra espécie espúria que serviram e servem de sustentação para a sua ponderação teórica. O pensador reformado tornou-se epistemologicamente consciente, e exige um novo fundamento que se mostre de acordo com a sua fé. Mas onde podemos encontrar uma filosofia que nos sirva? A filosofia de Tomás de Aquino de fato não nos serve. Trata-se de uma filosofia de síntese, em que a fé cristã é submetida a um desconfortável processo de adaptação ao aristotelismo. Nela, Deus não se distingue inteiramente da sua criação posicionando-se meramente no topo da grande escala dos seres. O elemento transcendente na filosofia tomista não é Deus, mas sim o "Ser". O deus do tomismo não é o trino Deus auto-suficiente das Escrituras, mas sim a causa-não-causada, mecanicamente ligado ao cosmos e dependente dele. Que fazer? Retornamos a Agostinho? Sim, sem dúvida, naquilo em que o bispo de Hipona é irrepreensivelmente evangélico, naquilo em que foi um verdadeiro precursor do pensamento reformado; mas também Agostinho se deixou levar pelo "canto das sereias" grego, e nos oferece uma filosofia cristã que carrega os farrapos tresandantes e desnecessários de um platonismo decadente, em vez da nudez genuína de Jesus Cristo na cruz.

Que opções nos restariam então? As novas sínteses modernas e pós-modernas? O racionalismo de Descartes? O empiricismo de Berkeley? Ou somos obrigados a sucumbir diante da crítica kantiana, pretensamente redentora da fé cristã? Ou resta-nos, apenas, o desespero irracional e subjetivista de Kierkegaard e seus sucessores? Ou por fim devemos nos render à disseminação plurívocado sentido,(8) e ao consequente relativismo absoluto apregoado por Jacques Derrida?(9) Não será esta uma causa perdida? Não será nossa única saída a opção dialética do irracionalismo barthiano? Não seria melhor abraçarmos um fideísmo aparentemente confortável, e deixarmos questões tão complexas e abstratas para o banquete intelectual dos incrédulos? De forma nenhuma! Opções irracionais e fideístas não são menos filosóficas que qualquer outra. Não há pensamento que não seja fundamentado em pressupostos filosóficos. E se não é possível escaparmos da abstração teórica, da estruturação filosófica, das pressuposições aprioristas, então o melhor é que tomemos o cuidado de abraçarmos pressupostos escriturísticos, através de uma filosofia bíblica e reformada, que teoriza para a glória de Deus, e com os olhos fixos no Senhor Jesus Cristo.

### **Origens da filosofia reformada: os primeiros mestres**

Os frutos filosóficos do Iluminismo não trazem alento ao coração do pensador reformado, o qual não pode senão horrorizar-se diante das diferentes opções que se lhe apresentam quando se trata de adotar uma filosofia cristã moderna. Será então que filosofia tornou-se hoje sinônimo de apostasia, e temerária rejeição da revelação de Deus? Será verdade, por outro lado, que a mentalidade Reformada se encontra em tal estado de embotamento que não tenha uma resposta antitética que seja também positiva e atual? Será possível que nossa única opção seja o obscurantismo dos iletrados, e o isolacionismo dos indispostos? De forma nenhuma! É minha convicção que o nosso Deus tem dado início em nossos dias àquilo que podemos chamar de um novo movimento do Espírito, levantando homens aptos a contrargumentar e a derrotar especulações e sofismas, trazendo todo pensamento à obediência de Cristo (2 Co 10. 3-5).

Refiro-me aos proponentes da filosofia reformada, cuja nau há muito navega com todas as velas enfunadas em meio às ondas bravias do pensamento apóstata, e segue em alto mar, clamando à intelectualidade contemporânea um retorno à sanidade do *fides quaerens intellectum*, da distinção fundamental Criador-criatura, da submissão do pensamento humanamente deficiente à autoridade revelacional de Deus em Jesus Cristo. Num tempo em que o paganismo se agiganta e a cristandade se fragmenta, se corrompe,

e se emascula, eles surgem como apregoadores de uma nova apologética e de uma filosofia reformada, fundamentada na Escritura, erguida sobre os cânones calvinistas, que surge para eliminar uma lacuna que há muito traz um quase sempre indistinguível incômodo ao pensador cristão que se posiciona na linha de João Calvino.

A filosofia reformada é praticamente desconhecida na nossa pátria.(10) Fundada pelo renomado teólogo, filósofo e estadista holandês *Abraham Kuyper* (1837-1920), pensador original e enciclopédico,(11) ela foi desenvolvida por *Herman Bavinck* (1854-1921) que lançou, juntamente com Kuyper, os fundamentos da filosofia reformada,(12) *Herman Dooyeweerd* (1894-1977), o grande sistematizador da filosofia Reformada, mestre da crítica transcendental, pai da filosofia cosmonômica,(13) *Dirk H. Theodor Vollenhoven* (1892-1978),(14) *Hendrik G. Stoker* (1899-1994),(15) e *Cornelius Van Til* (1895-1987).(16)

### **Princípios elementares da filosofia reformada**

Neste artigo introdutório não será possível fazer muito mais além de apresentar ao pensador reformado brasileiro os princípios básicos da filosofia e da apologética reformada. Muitos conceitos parecerão estranhos, e as idéias poderão criar dúvidas. Faz-se necessária uma explicitação conceitual mais aprofundada que ficará para outra ocasião. O que segue, portanto, é meramente uma vista panorâmica e propedêutica dos fundamentos da filosofia reformada.

### **Calvinismo integral: uma visão completa da vida e do mundo**

Para o pensador calvinista, tudo na vida é religião. O calvinismo é uma biocosmovisão completa que envolve todos os aspectos da vida e todas as áreas do conhecimento humano.(17) O calvinista não pode se satisfazer apenas com uma teologia reformada; ele busca uma filosofia igualmente reformada, uma ciência, uma arte, uma cultura, uma política reformada. Todas as áreas da ciência podem e devem ser exploradas a partir de pressupostos cristãos reformados, através da examinação pressuposicional (dos fundamentos teóricos) e estrutural segundo o motivo bíblico elementar da criação-queda-redenção(18) (da sua ordem criada, das disfunções resultantes do pecado, e da restauração pós-lapsariana em Cristo).(19) Como dizia Van Til: "Não há um centímetro quadrado da vida da qual Cristo não diga 'é meu'"(20) (Mt 28.18). Deus é absolutamente soberano sobre toda a criação bem como sobre todas as aspectos da realidade e todas as esferas da vida humana. A soberania absoluta de Deus (Sl 139; Is 46.9-10; Ef 1.3-14) é o conceito central e fundamental do pensamento reformado.

### **A distinção Criador-criatura: diferença qualitativa infinita**

Deus não pode, evidentemente, ser confundido com a criação.(21) A filosofia calvinista é teísta. Em oposição aos sistemas monistas que identificam o cosmos criado com Deus (panteísmo), ou eliminam a idéia de Deus inteiramente (ateísmo), ela pode ser também considerada dualista. Existe uma diferença qualitativa infinita entre a mente de Deus e a mente humana (Is 55.8). Não é que Deus saiba infinitamente mais que o homem, mas sim que o saber divino é de qualidade diferente do saber humano.(22) A revelação divina é a fronteira entre Deus e o cosmos.(23) A revelação de Deus traz sentido ao cosmos criado, e exerce uma função legisladora sobre o mesmo. Deus não se limita à revelação; Deus é o criador do cosmos e das leis que o regem, e não está sujeito às leis cósmicas, nem mesmo às leis da lógica.(24)

## **Filosofia do pacto: tudo na vida é fundamentalmente religioso**

O conceito de religião representa, na filosofia calvinista, não a noção popular de religiosidade, mas sim o verdadeiro sentido da palavra, isto é, a religação do indivíduo com o seu Criador. Ora, só há um caminho para a redenção e a reconciliação com Deus: a fé em Jesus Cristo. Para o pensador reformado, portanto, a religiosidade é uma função do ser humano, e todos os seres humanos são essencialmente religiosos, uma vez que todos os homens se posicionam em submissão ou em rebeldia contra Deus, respondendo positiva ou negativamente à salvação em Cristo oferecida pela graça divina, segundo a soberania do próprio Deus. O pensamento humano é controlado e guiado por princípios fundamentais que refletem uma atitude religiosa básica. Esta é, na verdade, uma noção básica da teologia do pacto: nós somos criaturas religiosas. Nós fomos criados para conhecer a Deus e ter comunhão com ele. Nós temos que depender de Deus. Quando não o fazemos, não é que deixamos de ser religiosos, mas sim que desviamos nossa fé em direção de algum outro objeto, e tornamo-nos idólatras, infiéis para com Deus, adorando a criatura em lugar do Criador (Rm 1.25). O "coração" humano se dirige a Deus ou se afasta dele em rebeldia (Rm 3.10; 8.7-8; Ef 2.3). Ele é o centro da existência humana e do relacionamento com Deus. Do coração do homem procedem as fontes da vida (Pv 4.23), isto é, tudo na vida depende e é também resultado deste posicionamento religioso do coração em submissão ou em rebeldia contra Deus.

## **Pressuposição da filosofia calvinista: só o cristianismo dá sentido ao mundo**

Ninguém, segundo a filosofia reformada, pode prestar contas de coisa alguma em si mesmo ou no mundo exceto se fundamentado na revelação.(25) Desse ponto de vista, é absolutamente irracional defender qualquer outra postura que não seja a da fé cristã. Somente o cristianismo não sacrifica a razão no altar da deusa contingência.(26) A filosofia reformada é, portanto, pressuposicional: ela sustenta que a única "prova" da posição cristã é que, a não ser que ela seja pressuposta como verdade, não é possível provar coisa alguma.(27) Pela graça comum, todavia, os incrédulos têm chegado a descobertas espantosas. Só que, segundo a filosofia calvinista, o não-cristão não tem nenhum direito sobre qualquer destas verdades, que Van Til chama de "capital emprestado".(28) Todas as verdades sobre o cosmos pertencem àqueles que reconhecem o cosmos e suas leis como criação de Deus. Até mesmo conceitos filosóficos de origem não cristã podem ser utilizados pela filosofia cristã reformada, uma vez que eles, quando verdadeiros, pertencem de direito ao cristão, que tem a obrigação de resgatar e purificar a verdade, e trazê-la à obediência de Cristo (2 Co 10.3-5). Esse processo é oposto ao processo de síntese comumente utilizado por filósofos cristãos (ex.: Tomas de Aquino, Paul Tillich) que realizam o processo inverso através de uma adaptação forçada do pensamento cristão ao pensamento apóstata.

## **Palingênese: a restauração integral em Cristo (29)**

Orientado pela revelação, o cristão pode interpretar o mundo corretamente, ainda que não exaustivamente. O cristão pode e deve explorar o cosmos criado, bem como suas próprias capacidades intelectivas. Essa atividade é, na verdade, um mandato bíblico (Gn 1.28). Na verdade, só o cristão, graças ao processo palingenético, genuinamente pode, quer, e sabe fazê-lo, no poder do Espírito (Cl 3.10).(30) O pensamento não-cristão põe-se em rebeldia contra o Criador, e afirma a autonomia da razão humana, a qual passa a ser o tribunal supremo da verdade. Mas a pretensa razão autônoma não é realmente livre. Ela é a razão escravizada pelo pecado que carrega o ser humano inevitavelmente para a escravidão da idolatria. Somente a ação redentora do Espírito de Deus pode tornar

o homem livre da escravidão do pecado para a obediência de Cristo. E assim libertado, o cristão recupera a capacidade de explorar de forma proveitosa a criação de Deus, pois agora ele compreende que de Deus, por Deus, e para Deus são todas as coisas (Rm 11.36; cf. At 17.28).

Fica claro que um obstáculo para a filosofia reformada é o biblicismo.(31) O pensamento biblicista é uma distorção da doutrina calvinista da Palavra de Deus. A filosofia calvinista se fundamenta na Bíblia e se responsabiliza por permanecer sempre bíblicamente orientada. Mas se a Bíblia é compreendida como a única fonte de conhecimento seguro para o cristão, e exclue-se a possibilidade de investigar-se o cosmos criado através da iluminação do Espírito, então de fato as portas se fecham para a investigação científica e filosófica, o que é sem dúvida uma tragédia. O biblicismo é, entretanto, uma distorção que não representa fidedignamente o pensamento calvinista. Para Calvino, a revelação especial de Deus são as lentes que nos permitem compreender a criação como o próprio Deus a compreende. Ao colocarmos as lentes da Escritura em frente aos nossos olhos somos capazes, pela primeira vez, de enxergar a criação de Deus de modo apropriado.

Calvino compreendeu os efeitos radicais da queda, inclusive o efeito noético do pecado, que tornou a razão humana incapaz de chegar ao conhecimento da verdade por si mesma (Tt 1.15). E uma vez que a queda é primordialmente uma tragédia ética, a desobediência é a característica de tudo o que fazemos, dizemos ou pensamos. Mas Calvino também compreendeu o sentido radical da redenção em Cristo, que restaura o homem palingeneticamente, em todos os aspectos do seu ser.(32) A investigação do cosmos criado e da revelação geral de Deus é, todavia, executada segundo os pressupostos bíblicos explicitados teoricamente pela filosofia reformada. O pensador calvinista não principia em um "fato" supostamente neutro. Segundo Van Til, o que o não-cristão entende pela existência de um "fato", é a sua existência independentemente de Deus.(33) O "ser" é a noção transcendental por excelência do pensamento não-cristão (e de formas inconsistentes do cristianismo). Mas o "ser" e a "existência", segundo a filosofia reformada, não podem sequer ser discutidos sem que seja considerada a pressuposição ainda mais fundamental da existência ou do "ser" de Deus. Todas as coisas são inexplicáveis se não fôr pressuposto o Deus da Escritura.(34)

### **Defesa da fé: Uma filosofia reformada implica em uma apologética reformada**

Paralela à insatisfação reformada com as chamadas filosofias cristãs, desenvolveu-se paulatinamente uma insatisfação semelhante com os métodos apologéticos empregados pelos defensores da nossa fé. O surgimento de uma filosofia reformada implica em uma revolução na nossa apologética. Coube a Van Til desenvolver um sistema apologético que ele considerou genuinamente reformado. Van Til chamou seu método de "pressuposicional", e seu lema é o de Anselmo: *credo ut intelligam* (eu creio para que eu possa compreender). O método pressuposicional de Van Til opõe-se radicalmente ao método tradicional evidencialista-racionalista, que sugere exatamente o oposto: "eu creio porque eu compreendo".(35) A apologética tradicional acredita na habilidade e confiabilidade da razão humana, e procura fundamentar a fé em argumentos racionais e empíricos. O método tradicional, portanto, não leva devidamente em consideração os efeitos radicais da queda. O método pressuposicional sustenta que a fé em Deus precede o entendimento de qualquer coisa, e que a elucidação teórica da verdade é subsequente à fé; e que a corrupção total do homem foi a causa da razão humana se tornar incapaz de ancorar-se, autonomamente, e de modo satisfatório, em algo objetivamente indubitável. A ação regeneradora do Espírito é *conditio sine qua non* tanto para o despertar da fé quanto para a iluminação intelectual genuína que, radicada na fé em Deus, pode chegar à

interpretação correta dos fatos. Analisaremos em seguida os três princípios elementares da nova apologética reformada.

### **Pensamento pressuposicional: Deus como pressuposto filosófico**

A apologética é a justificação da nossa esperança, a qual somos chamados a apresentar àqueles que nos indagam (1 Pe 3.15). É, segundo Van Til, "a defesa da filosofia de vida cristã contra as várias formas da filosofia de vida não-cristã".(36) O mandato escriturístico é bastante claro, mas resta saber qual é a melhor metodologia para executá-lo. A apologética tradicional principia no esforço de provar a existência de Deus. Alguns apologistas buscam demonstrar a existência de Deus através de argumentos lógicos, e alguns apresentam evidências históricas. A apologética reformada é chamada "pressuposicional" porque ela *não* procura provar a existência de Deus, mas antes a pressupõe. Ela ainda pressupõe que todas as pessoas já sabem de antemão que Deus existe, mesmo que afirmem o contrário (Rm 1.18-20). Além disso, a apologética reformada não pressupõe *um* deus, ou melhor ainda, a *possibilidade* da existência de um deus. A apologética reformada não se satisfaz senão com o pressuposto do trino Deus das Escrituras, e este não existe possivelmente, mas certamente é! Deus é ontológica e racionalmente necessário!(37) Para o apologista tomista, a possibilidade torna-se a origem de Deus; mas para o apologista reformado, Deus é a origem de toda e qualquer possibilidade. A apologética reformada, portanto, em vez de tentar provar a existência de Deus por meios racionalistas e empiricistas, pressupõe a existência de Deus desde o princípio. E isso não é embaraçoso, porque os incrédulos também baseiam a sua incredulidade em alguma espécie de autoridade não-confirmável. Ambos, cristãos e não-cristãos, possuem pressuposições. Os chamados *bruta facta* (fatos brutos, nus e crus) não existem. Tudo que "existe" já existe interpretado, hermeneuticizado pelo homem segundo pressupostos previamente estabelecidos. A neutralidade do pensamento é uma utopia que nem é possível nem desejável, pois almejá-la é iludir-se e submeter-se invariavelmente, consciente ou inconscientemente, sob a égide de um conjunto específico de pressuposições.

### **O efeito noético do pecado: a corrupção da razão**

A apologética reformada entende que a corrupção do pecado estende-se a todas as áreas da vida do homem, inclusive a seus pensamentos e atitudes, sua razão, suas emoções, sua vontade. É somente pela graça de Deus, através da regeneração pelo novo nascimento em Cristo, que o ser humano pode, pelo poder do Espírito, renovar a sua mente, e adquirir a capacidade de repensar os pensamentos de Deus, e de entender o mundo conforme a interpretação dada por Deus em sua revelação. A apologética reformada não minimiza a lógica (mas também não a eleva acima de Deus, que a criou) nem as evidências, mas ela as incorpora em um esquema de compromissos básicos (pressuposições) no qual elas passam a fazer sentido.(38) O pensamento não-cristão (bem como o pensamento cristão inconsistente) não possui um legítimo ponto de transcendência, e acaba por permanecer preso dentro dos confins do cosmos criado. A apologética reformada afirma a finitude e a pecaminosidade do homem, e a incapacidade humana de compreender o universo. Mas ela também apresenta Deus como o Criador. Só um mundo que tem sua interpretação definida pelo Deus vivo faz sentido (Jó 38.4).(39)

### **Ponto-de-contato: a religiosidade inerente ao homem**

A apologética reformada baseia-se no fato de que todos os homens intuem Deus (*sensus divinitatis*). O homem rejeita seu conhecimento de Deus e o nega. Quando apresentamos

o evangelho aos incrédulos, estamos-lhes comunicando aquilo que eles em grande parte já sabem, mas tentam ignorar e suprimir (Rm 1.18-25).(40) Este é, segundo a apologética reformada, o nosso *único* ponto de contato (*Anknüpfungspunkt*) com os incrédulos. Eis porque são vãos os apelos da apologética tradicional às "noções comuns" a cristãos e não-cristãos, e à neutralidade da razão. Contrário ao que diz a apologética clássica, a racionalidade humana não serve como ponto-de-contato.(41) Não há acordo entre cristão e não-cristão em *nenhuma* área do conhecimento humano, em nenhum aspecto de sua biocosmovisão.(42) A apologética pressuposicional ataca, portanto, o coração do incrédulo, e conseqüentemente o coração da questão. Pensamento e fé são funções do ser humano que operam unidas movendo-se em direção à obediência a Deus ou à apostasia. A apologética calvinista busca, portanto, expôr os pressupostos básicos que controlam o pensamento e a vida das pessoas. Isso envolve identificar e desmascarar os motivos que direcionam as tendências por trás do estilo-de-vida de um indivíduo, de uma família ou de toda uma sociedade. Eis porque a apologética e a filosofia reformadas formam a base necessária e convidam o pensador cristão para se engajar na formação de uma psicologia reformada, uma sociologia reformada, uma antropologia reformada, e assim por diante. Assim como a filosofia reformada é antitética e bíblica, assim também devem ser as ciências sob o ponto-de-vista calvinista. A filosofia reformada forma a sustentação teórica necessária para o levantamento destes edifícios científicos. Fica claro, portanto, que não estamos propondo a criação de glossas e apêndices, mas sim uma verdadeira revolução na história do pensamento cristão, para maior glória do nome de Cristo.

## Conclusão

Neste ensaio procuramos em breves palavras apresentar ao pensador reformado brasileiro os fundamentos da filosofia e da apologética reformadas. Só Deus sabe os efeitos que tal empreendimento pode promover na igreja de Cristo. Só podemos adiantar que são efeitos revolucionários, transformadores, e verdadeiramente significativos para a teologia, a prática eclesiástica, e a vida cristã de cada irmão em Cristo. Nossa esperança é que o pensamento reformado se agigante em nossa pátria, e que possa ter sobre nossa terra e nosso povo um efeito salvador e restaurador, em particular na cultura e na política brasileiras. Nossa proposta é que o brasileiro calvinista abrace uma biocosmovisão completamente calvinista, para que possamos de fato, e coerentemente, reclamar o Brasil para Cristo, em todas as áreas da vida, da cultura, e do pensamento. Na minha opinião, O calvinismo é a mais perfeita apresentação da fé cristã. Como disse B. B. Warfield, "o calvinismo é o cristianismo que se achou".(43) Se pregarmos a fé reformada segundo os princípios básicos da biocosmovisão calvinista, estaremos pregando a fé cristã em sua mais perfeita expressão, e estaremos portanto, servindo a causa de Jesus Cristo da melhor maneira possível.

---

## Notas

1 Para definições desses e de outros conceitos filosóficos mencionados no presente artigo, ver Estêvão Cruz, *Compêndio de Filosofia* (Porto Alegre: Globo, 1932); Theobaldo Miranda Santos, *Manual de Filosofia: Introdução, Filosofia Geral, História da Filosofia, e Dicionário de Filosofia* (São Paulo: Nacional, 1966; 14a. ed.); Norman L. Geisler e Paul D. Feinberg, *Introdução à Filosofia* (São Paulo: Vida Nova, 1989).

2 Cf. Robert D. Knudsen, *Calvinistic Philosophy* (obra não publicada) 4.

3 A corrupção total do homem causada pela queda é um dos cinco fundamentos do calvinismo. Os outros quatro são: eleição incondicional, expiação limitada, graça irresistível, e a perseverança dos santos. São estes cinco fundamentos que distinguem a teologia reformada de outras formas de teologia cristã que são, do ponto de vista calvinista, inerentemente inconsistentes.

4 Citado em Knudsen, *Calvinistic Philosophy*, 4. Karl Barth, seguindo Kierkegaard, também chegou à mesma conclusão de Gilson, chamando até mesmo o conceito de "filosofia cristã" de um conceito bastardo. No seu pensamento, o caminho da filosofia e do cristianismo se opõem como os caminhos respectivamente da imanência e da transcendência paradoxal. Para Barth, assim como para Kierkegaard, a fé é irracional, um salto no escuro, e fundamentalmente subjetiva. Veja Cornelius Van Til, *The New Modernism* (Philadelphia: Presbyterian and Reformed, 1947); e G. C. Berkouwer, *The Triumph of Grace in the Theology of Karl Barth* (Grand Rapids: Eerdmans, 1956).

5 A obra-prima de Herman Bavinck, *Philosophy of Revelation* (Grand Rapids: Baker, 1979; 1a. edição - 1909), foi uma resposta a Gilson. Veja William White Jr., *Van Til: Defender of the Faith* (Nashville: Thomas Nelson, 1979), 225.

6 H. G. Stoker, "The Possibility of a Calvinistic Philosophy" em *The Evangelical Quarterly* 7 (1935) 22.

7 Joel R. Beeke, "Cornelius Van Til and Reformed Apologetics" em *Reformed Herald* 51 (1995), 7. Veja Herman Dooyeweerd, *A New Critique of Theoretical Thought* (Jordan Station: Paideia, 1984); e L. Kalsbeek, *Contours of a Christian Philosophy* (Toronto: Wedge, 1975).

8 Plurívoco refere-se àquilo que tem sentido múltiplo, que é passível de ser interpretado de formas diferentes. Posiciona-se, em tese, contra aquilo que é unívoco, que tem sentido único, uma só interpretação possível.

9 Jacques Derrida, nascido em 1930, é filósofo francês e crítico literário. Ele é professor da *Ecole Normale Supérieure* em Paris. Suas teorias, conhecidas como pós-estruturalismo e desconstrucionismo, embora relativamente desconhecidas no Brasil, são largamente influentes nos Estados Unidos e na Europa. Em contraste ao estruturalismo de Fernand de Saussure e seus seguidores, Derrida mantém que o sentido da linguagem é elusivo e oculto, e que nenhuma interpretação definitiva pode ser estabelecida. Seu método crítico consiste em "deconstruir" um texto pela exposição das pressuposições lingüísticas e filosóficas ocultas no mesmo (Nota do Editor).

10 A nobre exceção é Francis Schaeffer, cuja obra de alcance mundial chegou também à mão dos brasileiros, infelizmente em traduções irregulares. O mestre de L'Abri nunca pretendeu fazer filosofia cristã a nível acadêmico. Schaeffer, todavia, prestou ao mundo cristão o inestimável trabalho de popularizar a apologética Reformada pressuposicional através de sua imaginativa obra. Veja *The Complete Works of Francis Schaeffer* 5 vols. (Wheaton: Crossway, 1982). Nem todos estudiosos, entretanto, entendem que Schaeffer era um pressuposicionalista coerente. Ver, por exemplo, o artigo de William Edgar, "Two Christian Warriors: Cornelius Van Til and Francis Schaeffer Compared", em *Westminster Theological Journal* 57/1 (1995) 57-80.



11 Knudsen, *Calvinistic Philosophy*, 10-17. Veja Abraham Kuyper, *Lectures on Calvinism* (Grand Rapids: Eerdmans, 1931).

12 Veja Cornelius Van Til, "Bavinck the Theologian" em *Westminster Theological Journal* 27 (1961) 1.

13 Veja David Hugh Freeman, *Recent Studies in Philosophy and Theology* (Philadelphia: Presbyterian and Reformed, 1962); e Vincent Brümmer, *Transcendental Criticism and Christian Philosophy* (Franeker: T. Wever, 1961).

14 Veja John H. Kok, *Vollenhoven* (Sioux Center: Dordt College Press, 1992).

15 Veja Knudsen, *Calvinistic Philosophy*, 70-75.

16 Muitos outros ilustres pensadores calvinistas poderiam figurar em uma lista mais detalhada: J. Woltjer, J. M. Spier, J. P. A. Mekkes, S. U. Zuidema, K. J. Popma, Hendrik van Riessen, Pierre Charles Marcel, Robert D. Knudsen, K. Scott Oliphint, John Frame, William Edgar, Vern S. Poythress, David A. Powlison, Rousas Rushdoony, Greg Bahnsen, Hendrik Hart, James Olthuis, Calvin Seerveld, Bernard Zilstra, H. Evan Runner, entre muitos outros. Ainda que os filósofos reformados estejam hoje espalhados por todo o globo, algumas escolas de pós-graduação destacam-se por sustentar, ao menos em parte, a filosofia calvinista, como por exemplo a Vrije Universiteit de Amsterdam, o Westminster Theological Seminary de Philadelphia, o Calvin College e o Calvin Theological Seminary de Grand Rapids, e o Institute for Christian Studies de Toronto.

17 Os reformadores e seus sucessores obtiveram grandes conquistas na área teológica, mas foi somente através da pena de Abraham Kuyper que os calvinistas puderam encontrar uma filosofia reformada que proporcionasse uma completa biocosmovisão (*Weltanschauung*) perfeitamente coerente com o pensamento calvinista. Entre as obras de Kuyper, há duas que apresentam de forma mais distinta a gênese da filosofia reformada: *Lectures on Calvinism*, 9-40; e *Encyclopedia of Sacred Theology* (New York: Scribner's, 1898), 56-227.

18 Dooyeweerd sugeriu que há quatro motivos elementares nos quais se fundamentam todas as diferentes escolas da história da filosofia. Três deles são apóstatas: o esquema dualista matéria-forma da filosofia grega, o esquema da síntese medieval natureza-graça, e o esquema moderno natureza-liberdade. Em oposição a todos estes, há o esquema cristão radicalmente bíblico criação-queda-redenção. É somente sobre este último motivo elementar que o edifício da filosofia cristã genuína poderá ser erguido.

19 Beeke, "Cornelius Van Til and Reformed Apologetics", 6.

20 Robert D. Knudsen, "The Legacy of Cornelius Van Til" em *New Horizons* 16 (1995), 3.

21 Há duas realidades: a) Deus e b) tudo o mais; e no princípio só havia Deus. Cf. Thomas E. Tyson, "The Two Circles" em *New Horizons* 16 (1995), 4.

22 Veja Cornelius Van Til, *The Defense of the Faith* (Phillipsburg: Presbyterian and Reformed, 1967), 31-50.

23 Dooyeweerd criou o nome peculiar de "princípio cosmonômico", ou ainda "idéia-lei",

para a revelação de Deus enquanto esta executa a função de fronteira entre Deus e o cosmos criado. Os conceitos dooyeweerdianos receberam críticas e aplausos por parte de outros filósofos calvinistas. Veja sua obra *A New Critique of Theoretical Thought*; e L. Kalsbeek, *Contours of a Christian Philosophy*.

24 É de Calvino a expressão "Deus ex lex est", cf. Knudsen, *Calvinistic Philosophy*, 8-9.

25 Scott Oliphint, *Cornelius Van Til and the Reformation of Christian Apologetics* (Scarsdale: Westminster Discount Book Service), 5.

26 White Jr., *Van Til: Defender of the Faith*, 199.

27 *Ibid.*

28 Oliphint, *Cornelius Van Til and the Reformation of Christian Apologetics*, 25.

29 "Palingênese" significa "uma mudança brusca". Para o emprego do termo na linguagem filosófica reformada ver a nota 32 (Nota do Editor).

30 "Há dois tipos de pessoas, e ambos se propõem a ser os intérpretes da raça humana na sua normalidade, e . . . não podem abandonar a pretensão de que só o resultado de sua investigação científica leva ao conhecimento do objeto. . . . A diferença entre estes dois grupos pode ser brevemente descrita pela palavra 'palingênese'". Abraham Kuyper, *Encyclopedia of Sacred Theology*, 219.

31 Cf. Knudsen, *Calvinistic Philosophy*, 5-6. Biblicismo é a teoria epistemológica cristã que sugere que só a Bíblia pode fornecer ao homem um conhecimento verdadeiro sobre qualquer coisa. A Bíblia torna-se a única fonte, não apenas do conhecimento de Deus, de sua relação com o homem, e de conhecimento teológico, mas também de conhecimento científico e filosófico. O biblicismo vai um passo além da doutrina da inerrância, pois enquanto esta afirma ser a Bíblia destituída de erro, o biblicismo afirma ser a Bíblia a única fonte de conhecimento confiável. Trata-se de uma absolutização que não tem fundamento nem na própria Bíblia, e de uma distorção do ensino de Calvino, que nunca negou o valor da pesquisa científica empírica, e julgava valioso o conhecimento proveniente dos estudos humanistas da literatura grego-romana clássica.

32 A. Kuyper sugere que a regeneração em Cristo, segundo os princípios calvinistas, só pode ser compreendida como uma palingênese, isto é, como um recomeço amplo, geral, e irrestrito, que afeta todas as áreas do homem e de todo o cosmos criado.

33 Cornelius Van Til, *Survey of Christian Epistemology* (Nutley: Presbyterian and Reformed, 1977), 117.

34 Oliphint, *Cornelius Van Til and the Reformation of Christian Apologetics*, 6.

35 A apologética reformada de Van Til opõe-se também a sistemas apologéticos não-rationais (por exemplo, o barthianismo) cujo lema poderia ser o *credo quia absurdum* (creio porque é absurdo) de Tertuliano.

36 Cornelius Van Til, *Christian Apologetics* (Phillipsburg: Presbyterian and Reformed,

1976), 1.

37 White Jr., *Van Til: Defender of the Faith*, 195.

38 William Edgar, "Why I Am a Presuppositionalist" em *New Horizons* 16 (1995), 7.

39 *Ibid.*

40 White Jr., *Van Til: Defender of the Faith*, 199.

41 Oliphint, *Cornelius Van Til and the Reformation of Christian Apologetics*, 7.

42 Abraham Kuyper, *Encyclopedia of Sacred Theology*, 225.

43 Oliphint, *Cornelius Van Til and the Reformation of Christian Apologetics*, 29.